

Entre a guerra e a revolução: a IV Internacional no contexto da Segunda Guerra Mundial¹

Henrique de Bem Lignani²

Introdução

Não é novidade afirmar a turbulência e a instabilidade da conjuntura mundial entre os anos 1930 e a primeira metade dos anos 1940. Os impactos da crise econômica mundial do capitalismo, iniciada em 1929, a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, a iminência do segundo conflito armado em nível mundial, bem como a eclosão do conflito (que deixou cerca de 80 milhões de mortos, em sua maioria civis³) são elementos suficientes para a caracterização da importância desse contexto. Fatos como esses que levam os analistas do evento a afirmarem que se tratou do “*conflito militar mais sangrento de todos os tempos*”, “*uma guerra [...] qualitativamente diferente das anteriores*”⁴; ou a caracterizarem o período no qual se insere a guerra como a “*era da catástrofe*”, na qual “*a humanidade aprendeu a viver num mundo em que a matança, a tortura e o exílio em massa se tornaram experiências do dia-a-dia que não mais notamos*”⁵.

No que se refere à trajetória dos movimentos da esquerda internacional, é possível afirmar que o referido contexto foi igualmente importante. Isso se revela, entre outros elementos, quando analisamos o movimento trotskista, considerado desde as suas origens com a Oposição de Esquerda no interior do Partido Comunista da União Soviética. Após a já mencionada ascensão de Hitler ao poder na primeira metade da década de 1930, os bolchevique-leninistas (como se denominavam os trotskistas) consideraram completo o processo de degeneração da Internacional Comunista sob o stalinismo. Assim, mobilizaram-se pela criação de uma nova Internacional, o que se concretizou em setembro de 1938, na França, onde teve lugar o Congresso de Fundação da IV Internacional. Reunindo parte daqueles que se propunham a tarefa de reorganizar a vanguarda do movimento revolucionário mundial e manter o fio de continuidade das ideias de Marx, Engels e Lenin, este importante evento acabou de completar 80 anos em 2018, data comemorativa que reforça a importância e confere visibilidade para a sua discussão.

¹ Agradeço à Raquel Varela pela leitura e pelas sugestões com base em uma versão inicial deste texto.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF) e bolsista CNPq.

³ COGGIOLA, Osvaldo. *A Segunda Guerra Mundial: causas, estrutura, consequências*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

⁴ Idem, p. 5-10 (grifos do autor).

⁵ HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 58.

Nos anos que se seguiram à sua fundação, entretanto, a IV Internacional logo se viu imersa em um terreno de atuação pautado pela guerra generalizada, o que apresentou empecilhos para a realização dos seus objetivos e da própria manutenção de vínculo entre suas diversas seções nacionais. No que se refere ao real alcance do trotskismo no contexto em questão, portanto, é preciso ressaltar que não se tratava de um movimento de massas, algo perceptível tanto no número de seções nacionais existentes, quanto no tamanho delas. No fim dos anos 1930, a seção mais significativa, constituindo algo além de um grupo de propaganda, era o *Socialist Workers Party* (SWP), nos Estados Unidos, que, entretanto, passaria por importantes cisões em 1940. Observa-se, por exemplo, quando da realização da Conferência de Emergência da IV Internacional, no mesmo ano de 1940, que foram reunidos delegados de dez seções nacionais, havendo ainda cinco seções que não puderam enviar representantes e outras oito com as quais sequer foi possível o contato. Dessa forma, é possível se ter uma ideia da fragilidade organizativa e numérica do movimento trotskista durante os anos 1930⁶.

Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo analisar a inserção do movimento trotskista internacional na conjuntura da eclosão da Segunda Guerra Mundial, entre o final dos anos 1930 e o início da década de 1940. Considera-se, assim, a relação entre este importante momento para o movimento revolucionário internacional e a referida situação mundial permeada por crises e conflitos. Cabe, portanto, o estabelecimento de alguns dos questionamentos que inicialmente mobilizam o trabalho: de que forma a conjuntura de uma iminente guerra mundial influenciou o processo de fundação da IV Internacional? Como o referido contexto foi apreendido pelos militantes trotskistas? É possível perceber indícios dessa influência entre os dois elementos em questão?

Para a realização do trabalho, analiso alguns textos e documentos assinados e divulgados pela IV Internacional. Entre eles destacam-se alguns textos redigidos pelo próprio Leon Trotsky: *La guerra y la IV Internacional*, escrito em 1934, quando já se considerava iminente o conflito armado e a necessidade de fundação de uma nova Internacional; *O programa de transição para a revolução socialista*, documento de fundação da IV Internacional em 1938; e o *Manifiesto de la IV Internacional sobre la guerra imperialista y la revolución proletaria mundial*, conhecido como “manifesto de alarme” e apresentado em conferência extraordinária da IV Internacional, realizada em 1940 devido à eclosão da guerra. Com isso é possível perceber nos textos em questão referências a elementos que indicavam a aproximação do conflito e a análise que os trotskistas faziam desses elementos. Dessa forma, busco desenvolver três pontos identificados na documentação: 1) a forma como os

⁶ MONTEIRO, Marcio Lauria. *O movimento trotskista internacional e as revoluções no pós-guerra: uma análise de suas (re)leituras teóricas e programáticas (1944-63)*. 2016. 423 f. Dissertação (mestrado) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, 2016, p. 119-120.

trotskistas caracterizavam a guerra; 2) o papel da crise de direção do proletariado naquele contexto; e 3) a política que defendiam que se adotasse frente ao conflito mundial.

Trotsky, os trotskistas e a Segunda Guerra em três documentos da IV Internacional

Caracterização da guerra

Um dos principais elementos que aparecem nos textos de Leon Trotsky e da IV Internacional produzidos no contexto da Segunda Guerra é a caracterização do conflito. Desde o momento no qual se avaliava a inevitabilidade de uma nova guerra mundial, a preocupação com a percepção das características fundamentais do iminente conflito, bem como das linhas gerais a serem percorridas em sua escalada, esteve presente nos documentos trotskistas que analiso. Tal caracterização conduziu à definição da guerra enquanto um conflito imperialista, sendo essa uma das grandes marcas presentes nas análises trotskistas e o primeiro aspecto a ser comentado neste trabalho.

Buscando a compreensão do contexto no qual se inseriam, as análises trotskistas partiam da consideração do aspecto econômico da sociedade, do processo de desenvolvimento do capitalismo em escala global. Nesse sentido, já em 1934, cinco anos antes do início da guerra e em meio à crise econômica iniciada em 1929, no primeiro parágrafo do texto *La guerra y la IV Internacional*⁷, Trotsky afirma: “*A catastrófica crise comercial, industrial, agrária e financeira, a ruptura dos laços econômicos internacionais, a decadência das forças produtivas da humanidade, a insustentável agudização das contradições entre as classes e entre as nações assinalam o ocaso do capitalismo e confirmam a caracterização leninista de que a nossa era é uma era de guerras e revoluções*”⁸.

Localizando tal processo em uma “nova época” inaugurada com a guerra de 1914-1918, o texto afirma ainda que entre as suas consequências estavam o crescimento da instabilidade nas relações internacionais entre os países e a elevação dos conflitos até o último nível. Assim, afirma que “*tudo isso conduz a uma nova guerra imperialista*”⁹.

⁷ Tal texto foi redigido por Leon Trotsky e adotado pelo Secretariado Internacional da Liga Comunista Internacional, organização predecessora da IV Internacional (CEIP-Leon Trotsky. *Guerra y revolución: una interpretación alternativa de la Segunda Guerra Mundial*, tomo 1. Buenos Aires: Editorial CEIP “Leon Trotsky”, 2004).

⁸ TROTSKY, Leon. *La guerra y la IV Internacional* [1934]. In: CEIP-Leon Trotsky. *Op. Cit.*, 2004, p. 134 (tradução minha, assim como em todas as demais referências a textos em língua estrangeira). Como indicado no trecho, o entendimento acerca da etapa histórica de desenvolvimento do capitalismo no qual se insere o conflito imperialista retoma em grande medida a análise de Lenin sobre o imperialismo (LENIN, Vladimir Ilitch. *O imperialismo: etapa superior do capitalismo*. Campinas: FE/UNICAMP, 2011).

⁹ Idem, p. 135.

Assim como na análise produzida em 1934, a conjuntura econômica internacional e o desenvolvimento capitalista também são os primeiros elementos analisados no programa fundacional da IV, datado de 1938. No primeiro capítulo, ao afirmar a existência das premissas objetivas para a revolução socialista, Trotsky aborda a questão que considera fundamental do ponto de vista econômico: a estagnação das forças produtivas capitalistas, que por sua vez conduz à crise de crescimento do sistema, condições nas quais as crises conjunturais assumem consequências cada vez mais graves. Visando à superação dessa crise de crescimento, nos países economicamente privilegiados, devido ao acúmulo obtido na época anterior, a burguesia lançou mão de medidas como o New Deal, que, entretanto, o documento considera serem incapazes de solucionar o problema; nos países onde essa opção era economicamente inviável, a burguesia abraçou o fascismo.

Nessas condições de declínio capitalista, os choques entre os interesses imperialistas se tornariam cada vez mais graves, sendo perceptível o “perigo mortal” de uma nova guerra, mas não havendo capacidade por parte da burguesia em evitá-la. É, portanto, nesse sentido, partindo da análise dos fatores econômicos, que o documento afirma que *“as premissas objetivas da revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer”*. Tal “apodrecimento” se manifestaria no lançamento da humanidade em uma catástrofe, ou seja, na guerra que naquela altura já batia à porta¹⁰.

Em 1940, quando a guerra já não era mais um perigo iminente, mas uma realidade aberta, realizou-se uma “conferência de alarme” em caráter emergencial, a fim de reunir as seções da IV Internacional para a discussão acerca dos eventos da guerra. Novamente a questão em torno da definição do caráter do conflito mundial foi levantada, sendo reafirmada a sua interpretação enquanto uma guerra imperialista. Nesse sentido, o “manifesto de alarme” afirma:

O imperialismo realmente destruiu o mercado mundial, dividindo-o em setores dominados individualmente por países poderosos. [...] Todos os países imperialistas necessitam possuir fontes de matérias-primas sobretudo para a guerra, ou seja, para uma nova luta pelas matérias-primas. A fim de enriquecer posteriormente, os capitalistas estão destruindo e assolando o produto do trabalho de séculos inteiros.¹¹

A partir disso o documento concluía que *“a guerra atual, a segunda guerra imperialista, não é um acidente; não é a consequência da vontade deste ou daquele ditador. Há muito tempo foi prevista. É o resultado inexorável das contradições dos interesses capitalistas internacionais”*. Tais contradições diziam respeito à nova etapa do desenvolvimento econômico aberta com o fim do

¹⁰ TROTSKY, Leon. *O programa de transição* [1938]. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1938/programa/index.htm> (consulta em 04/06/2018).

¹¹ Idem. Manifesto de la IV Internacional sobre la guerra imperialista y la revolución proletaria mundial [1940]. In: In: CEIP-Leon Trotsky. *Op. Cit.*, 2004, p. 270.

capitalismo livre concorrencial, na qual se agudizavam os embates entre as velhas potências imperialistas, Grã-Bretanha e França, e aquelas que teriam largado com atraso na corrida pelas disputas coloniais, como Alemanha e Itália¹². Um fator que torna possível corroborar essa análise, afirmando a presença das disputas imperialistas entre as diferentes burguesias nacionais e afastando a ideia da guerra como resultado exclusivo das ações individuais de Hitler (ou de outro indivíduo qualquer), é a vinculação entre a ascensão do fascismo e a burguesia alemã. Isso fica expresso, por exemplo, no apoio conferido por amplos setores da burguesia industrial e financeira ao fascismo, o que evidencia a identificação entre tal regime e as políticas levadas à frente pelo governo de Hitler, e os interesses da classe dominante alemã¹³.

Partindo das análises apresentadas, é possível a identificação de alguns elementos acerca da interpretação da Segunda Guerra Mundial elaborada “no calor do momento” pelos trotskistas. Em primeiro lugar, considero importante ressaltar a presença do método do materialismo histórico na elaboração das análises de Leon Trotsky e da IV Internacional. Conforme discutiu Gabriela Liszt, tais análises partem de uma profunda compreensão da situação objetiva observada em escala internacional, ou seja, do processo de desenvolvimento do capitalismo em todas as suas contradições. Percebe-se, dessa forma, as relações entre a economia, os Estados nacionais e a luta de classes como ponto de partida e fundamento das caracterizações presentes nos referidos textos¹⁴.

Fazendo referência a uma definição do próprio Trotsky, a autora afirma que tal aplicação do método marxista na análise de conjuntura partia da distinção entre os elementos fundamentais da realidade daqueles considerados secundários, prevendo-se, assim, as linhas gerais do desenvolvimento a partir dos seus fatores essenciais e fundamentando-se as bases para a aplicação de uma política adequada¹⁵. De fato, percebe-se nesse primeiro aspecto analisado a respeito dos textos trotskistas a preocupação com o processo econômico tanto em escala mais ampla, em suas linhas gerais, quanto em sua manifestação específica no interior de cada Estado nacional. É esse aspecto dos documentos produzidos pela IV Internacional que permitiu a formulação de análises que, tendo sido produzidas anos antes do início da Segunda Guerra Mundial, puderam antever a eclosão do conflito e apresentar a sua caracterização enquanto um conflito interimperialista.

Tal definição para o conflito mundial possui uma importância que extrapola a análise e a atuação política naquele contexto no qual a guerra se desenvolvia, alcançando o debate historiográfico atual acerca do evento. Isso

¹² Idem, p. 272.

¹³ KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 49-52; REBELLO DE MENDONÇA, Carlos Eduardo. *Trotsky e a Europa Ocidental do entre guerras: marxismo revolucionário, democracia burguesa e luta pela hegemonia*. Rio de Janeiro: Gramma: FAPERJ, 2012, p. 109-118.

¹⁴ LISZT, Gabriela. Ensayo introductorio al tomo 1. In: CEIP-Leon Trotsky. *Op. Cit.*, p. 36.

¹⁵ Ibidem, p. 38; TROTSKY, Leon, 1940 apud LISZT, Gabriela. *Op. Cit.*, 2004.

porque existe de forma hegemônica na produção historiográfica a tendência à interpretação da Segunda Guerra Mundial enquanto uma guerra entre “democracia” e “fascismo”¹⁶. Segundo Andrea Robles, em texto dedicado a polemizar com Eric Hobsbawm e, de um modo geral, com essa interpretação da guerra, a definição do embate “democracia x fascismo” como sendo o fundamental para o conflito possui um caráter ideológico. Na medida em que é entendida dessa forma, a Segunda Guerra Mundial (é válido mencionar novamente: um conflito que deixou cerca de 80 milhões de mortos) assumiria a perspectiva de uma luta em defesa da “democracia” e do “progresso”, sendo assim justificada¹⁷. Não é difícil perceber a origem dessa caracterização da guerra no discurso ideológico mobilizado pelas potências aliadas no momento do embate, bem como as implicações políticas que ele possui tanto para interpretação do passado quanto para a análise do presente.

No que se refere ao posicionamento da URSS naquele contexto, tal perspectiva de embate entre “democracia” e “fascismo” estava em sintonia com a aplicação da política de Frente Popular, adotada pela Internacional Comunista desde o seu VII Congresso, em 1935. Segundo orientava tal linha política, a luta contra o fascismo, que àquela altura já estava no poder na Alemanha e na Itália, deveria ser levada a frente por meio da formação de frentes que unificassem o proletariado a setores da burguesia antifascista, considerados “progressistas”. As Frentes Populares assumiam o caráter de frentes de “unidade nacional” e levaram os Partidos Comunistas inclusive a apoiar governos burgueses, como na França e na Espanha em 1936. A formulação da tática frente-populista marcou, portanto, uma inflexão no movimento comunista. Como afirma Carlos Zacarias de Sena Júnior, a partir dessa reformulação, em meados dos anos 1930, os comunistas passaram a ter como horizonte da sua atuação a defesa da democracia (burguesa), em alianças policlassistas amplas, o que implicava o abandono da perspectiva revolucionária¹⁸.

O mencionado caso espanhol é emblemático no sentido de elucidar as consequências políticas envolvidas nessa caracterização dos elementos fundamentais do conflito. Em 1936 chegava ao poder um governo de Frente Popular composto pela aliança entre stalinistas, socialistas e setores da “burguesia progressista”. Em tal contexto, entretanto, havia elementos de radicalização na política espanhola: à direita, setores militares descontentes articulavam uma tentativa de golpe; à esquerda, os trabalhadores organizavam comitês e milícias autônomas, fomentando organismos de dualidade de poder. Envolto no

¹⁶ Além do texto de Eric Hobsbawm mencionado a frente (HOBSBWM, Eric. *Op. Cit.*, 1995, p. 144-177), cito como mais um representante (não marxista) dessa tendência o livro de Tony Judt (JUDT, Tony. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008).

¹⁷ ROBLES, Andrea. La Segunda Guerra Mundial y su resultado: una polémica con Eric J. Hobsbawm. In: CEIP-Leon Trotsky. *Op. Cit.*, 2004, p. 9-10.

¹⁸ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias F. de. Frente Única, Frente Popular e Frente Nacional: anotações históricas sobre um debate presente. In: *Colóquio Marx e Engels*, 2007, Campinas. V Colóquio Internacional Marx e Engels. Campinas: IFCH-Unicamp, 2007.

compromisso da Frente Popular, os stalinistas se opuseram à perspectiva de tomada do poder pelos trabalhadores, atuando inclusive na repressão daqueles que se mobilizavam à esquerda do governo. Nesse sentido, atuaram sustentando o regime burguês e permitindo a posterior ascensão de Franco ao poder, posto terem eliminado as forças da revolução socialista que poderiam tê-lo impedido. Por sua vez, a burguesia espanhola, intimamente ligada aos imperialismos francês e inglês, se colocou desde o primeiro momento ao lado de Franco, abrindo mão da “democracia” em prol de um regime reacionário e autoritário. Tal regime lhe era preferível frente à ameaça da revolução proletária¹⁹.

Nesse sentido, fica evidente que não havia uma contraposição de princípios entre “democracia” e “fascismo”, sendo a “defesa da democracia” restrita aos casos nos quais ela se mantivesse dentro da ordem estabelecida. O próprio documento *La guerra y la IV Internacional*, de 1934, já denunciava que a defesa da democracia contra o fascismo era entendida enquanto um recurso discursivo utilizado por potências imperialistas. Os revolucionários, que lutavam contra os governos burgueses dito “democráticos” nos tempos de paz, da mesma forma o faziam na guerra, momento em que tais governos cometeriam os maiores crimes.²⁰

A crise de direção e a revolução proletária

Conforme já foi mencionado no item anterior, *O programa de transição*, de 1938, continha a afirmação segundo a qual “*as premissas objetivas da revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer*”²¹. Dessa forma, contrastava a existência das condições objetivas para a revolução proletária socialista, dadas pelo desenvolvimento econômico internacional, à ausência das condições subjetivas, expressa na inexistência de uma direção revolucionária para o proletariado. Como discutiu Carlos Eduardo Rebello de Mendonça, a contradição presente na relação entre os fatores objetivos e subjetivos ocorre na medida em que “*as questões concretas não ‘se põem’ por si mesmas, não produzem uma solução superestrutural [ou seja, uma política voltada para a sua resolução] por mero reflexo*”²². Assim, recorrendo a uma citação do próprio Trotsky, o autor conclui que “*a liderança não é de forma alguma o mero ‘reflexo’ da classe ou o produto da criatividade livre. A liderança é moldada no processo dos choques entre as classes ou na fricção entre os diversos estratos de uma classe*”²³. É nesse sentido que se insere um dos

¹⁹ MONTEIRO, Marcio Lauria. A história esquecida do trotskismo na Revolução Espanhola: o POUM e os “bolchevique-leninistas”. *Izquierdas*, nº 32, mar 2017, p. 1-17; REBELLO DE MENDONÇA, Carlos Eduardo. *Op. Cit.*, 2012, p. 147-169.

²⁰ TROTSKY, Leon. *Op. Cit.*, [1934], p. 141-143.

²¹ Idem. *Op. Cit.*, [1938], [s.p.].

²² REBELLO DE MENDONÇA, Carlos Eduardo. *Op. Cit.*, 2012, p. 167.

²³ TROTSKY, Leon, 1939 apud REBELLO DE MENDONÇA, Carlos Eduardo. *Op. Cit.*, 2012, p. 167.

principais enunciados daquele documento, que afirmava que “*a crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária*”²⁴.

Tal afirmação ganhava ainda mais importância na medida em que era perceptível a iminência da guerra e, seguindo a interpretação expressa por Lenin ao analisar o contexto da Primeira Guerra Mundial, estabelecia-se a relação entre a guerra imperialista e a “*aceleração da marcha da história*”, uma vez que, tornando mais agudas as contradições do capitalismo, a guerra amadurecia as possibilidades de sua superação²⁵. Dessa forma, a questão acerca da construção de uma direção revolucionária do proletariado é outro ponto fundamental presente nos documentos analisados, que apresentam, além disso, uma caracterização das direções existentes naquele momento.

Assim, no documento redigido em 1934, *La guerra y la IV Internacional*, Trotsky critica o “social-patriotismo”, tendência assumida pela II Internacional desde a guerra de 1914-1918 e que a levou a abandonar uma política classista em prol da “defesa nacional”, assumida enquanto um dogma. Justificava-se tal guinada nacionalista a partir das ameaças que os conflitos entre classes apresentariam à integridade nacional no contexto de guerra. A partir disso, observou-se o abandono da perspectiva revolucionária pela II Internacional e, assim, o proletariado não logrou a tomada do poder, lançando a humanidade em uma época de crises na qual uma nova guerra se aproximava²⁶.

Avançando na crítica à política da II Internacional durante as guerras, o texto cita Rosa Luxemburgo para afirmar que “*ou a luta de classes constitui a lei imperativa da existência proletária também durante a guerra [...] ou a luta de classes constitui um crime contra os interesses nacionais e a segurança da pátria também na época de paz*”. O que tal afirmativa expressava era a noção de que a política do proletariado no contexto da guerra deveria ser coerente com a sua política nos tempos de paz. Dessa forma, em relação a II Internacional, o texto conclui:

A incompatibilidade entre a política social-democrata e os interesses históricos do proletariado é agora incomparavelmente mais profunda e severa do que às vésperas da [primeira] guerra imperialista. A luta contra os prejuízos patrióticos das massas significa antes de mais nada a luta irreconciliável contra a Segunda Internacional como organização, como partido, como programa, como bandeira²⁷.

Por sua vez, no que se refere a III Internacional, Trotsky afirma que tal organização vacilava entre o derrotismo²⁸ e o social-patriotismo. Observava-se,

²⁴ TROTSKY, Leon. *Op. Cit.*, [1938], [s.p.].

²⁵ SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. Apresentação: Por que voltar a Lênin?: imperialismo, barbárie e revolução. In: LENIN, Vladimir Ilitch. *Op. Cit.*, 2011, p. 60-64.

²⁶ TROTSKY, Leon. *Op. Cit.*, [1934], p. 144.

²⁷ Idem, p. 145.

²⁸ Trata-se da política frente à guerra que defendia que a derrota da própria burguesia seria o mal

assim, que a política do proletariado internacional não poderia ficar restrita àquela da Internacional Comunista, que se expressava na política externa da URSS, por exemplo, a partir de acordos com a Liga das Nações e de enunciados pacifistas. A luta contra a guerra apenas poderia ser assumida a partir da mobilização de massas, o que tornava necessário para o proletariado uma política independente da burocracia soviética²⁹.

Em 1938, ao elaborar o documento fundacional da IV Internacional, que parte justamente da crise de direção do proletariado, Trotsky apresenta novamente considerações sobre a II e a III Internacionais. Naquele contexto, o documento da Internacional trotskista denuncia o papel desempenhado pelas duas organizações no sentido de capitulação ao social-patriotismo, dizendo:

A II Internacional repete sua política de traição de 1914 com tanto mais segurança quanto a Internacional “Comunista” ocupa, atualmente, o papel de primeiro violino do patriotismo. Desde que o perigo da guerra tomou um aspecto concreto, os stalinistas, sobrepujando de longe os pacifistas burgueses e pequeno-burgueses, tornaram-se os campeões da pretensa “defesa nacional”. Eles fazem exceção apenas nos países fascistas, quer dizer, naqueles onde não representam nenhum papel. A luta revolucionária contra a guerra recai inteiramente sobre os ombros da IV Internacional³⁰.

Dois anos depois, já sob a guerra deflagrada, Trotsky e a IV Internacional voltam a abordar o papel da II e da III Internacionais no conflito. Assim, o *Manifesto de la IV Internacional sobre la guerra imperialista y la revolución proletaria mundial* responsabiliza os dirigentes dessas organizações pela guerra, afirmando que a política da II Internacional no contexto da Primeira Guerra Mundial havia impedido o proletariado de tomar o poder, ao passo que ambas ajudaram a burguesia a deflagrar o novo conflito imperialista a partir do papel desempenhado com o estrangulamento da ação do proletariado. Após tais constatações, o texto clama: “*que estes fatos se constituam em sua tumba política!*”³¹.

Percebe-se, portanto, de que forma a crise de direção do movimento revolucionário era uma questão cara para Trotsky e os trotskistas. A presença do tema no conjunto dos textos analisados, sobretudo no que se refere ao balanço acerca das posições tomadas pela II Internacional e pela Internacional Comunista, constitui um aspecto fundamental para o movimento trotskista internacional no contexto em questão. Uma vez que constatava a falência das direções proletárias então existentes, colocava-se na ordem do dia a tarefa da fundação de uma nova Internacional, visando o reagrupamento da vanguarda dos trabalhadores e a

menor. O conceito será retomado no próximo item deste artigo.

²⁹ Idem, p. 152-153.

³⁰ Idem., [1938], [s.p.].

³¹ Idem., [1940], p. 292.

manutenção da perspectiva revolucionária, posto que a deflagração da guerra colocaria no horizonte a eclosão da revolução socialista.

Entretanto, há de se ressaltar que a posição pela fundação de uma nova Internacional não foi um consenso entre todos os militantes que naquele momento eram próximos politicamente ao trotskismo. A avaliação desse aspecto é algo importante na medida em que contribui para afastar a noção de que o trotskismo, mesmo antes da morte de Leon Trotsky, era um movimento completamente coeso, mostrando que havia divergências em seu interior. Como já foi apontado na seção introdutória deste texto, o movimento trotskista em nível internacional durante os anos 1930 e 1940 era marcado por sua fragilidade organizacional, sendo composto por algumas seções dispersas³². Considerando esse fato, alguns militantes se opuseram à fundação da IV Internacional, avaliando que se trataria de uma medida “artificial”, uma vez que tomada em um momento de “*navrágio do movimento operário internacional*”³³; ou mesmo que tal seria uma ação sem “*nenhuma espécie de impacto*”³⁴.

Segundo discute Jean-Jacques Marie, o que tais afirmações expressam é o desacordo com o prognóstico lançado por Trotsky no momento de fundação da nova Internacional proletária, quando o líder bolchevique afirmou que “*durante os próximos dez anos, o programa da IV Internacional tornar-se-á um guia para milhões de homens, e estes milhões de revolucionários saberão convulsionar a terra e o céu*”³⁵. Se tomarmos esta frase como uma previsão a ser realizada rigorosamente, constatamos que isso não aconteceu, se tratando, portanto, de um erro. Entretanto, Marie afirma que a essência contida no prognóstico de Trotsky, qual seja, a perspectiva de convulsões revolucionárias aberta com a eclosão da Segunda Guerra imperialista, foi integralmente verificada pela história. Afirmar isso, ainda segundo o autor, não significa dizer que a vitória da revolução é algo incontornável, uma vez que uma previsão dessa ordem seria impossível. Mas sim, “*levantar a perspectiva da vitória da revolução proletária significa atuar politicamente para esta vitória, determinar as condições para a vitória e combater para que elas sejam realizadas*”³⁶.

A política da IV Internacional frente à guerra

Após discutir a análise dos elementos objetivos presentes na conjuntura internacional na década de 1930, a caracterização do conflito mundial que era observado, a constatação do aspecto subjetivo de crise de direção revolucionária

³² Conferir MONTEIRO, Marcio Lauria. *O movimento trotskista internacional*, op. cit.

³³ Posição expressa por Jacques Roussel, antigo militante da *Union Communiste (UC)*, organização francesa que se opunha ao stalinismo, mas que não aderiu à IV Internacional (MARIE, Jean-Jacques. *Os quinze primeiros anos da IV Internacional*. São Paulo: Palavra Editorial, 1981, p. 17).

³⁴ Afirmado por Isaac Deutscher. Além de Roussel e Deutscher, outros exemplos de militantes contrários à fundação da IV Internacional foram Daniel Guérin e Victor Serge (Ibidem, p. 17-18).

³⁵ TROTSKY, Leon, 1938 apud MARIE, Jean-Jacques. *Op. Cit.*, 1981, p. 15.

³⁶ MARIE, Jean-Jacques. *Op. Cit.*, 1981, p. 19.

e a necessidade de fundação de uma nova Internacional proletária, cabe o questionamento acerca de qual política era defendida por Trotsky e pela IV Internacional naquele momento. Destacam-se, nesse sentido, a defesa do derrotismo revolucionário e do desenvolvimento de uma Política Militar Proletária.

No que se refere à linha derrotista aplicada frente à guerra, o texto redigido em 1934 é explícito ao afirmá-la enquanto uma decorrência da caracterização que se fazia da guerra, dizendo que “*quando se trata de um conflito entre países capitalistas, o proletariado de qualquer deles se nega categoricamente a sacrificar seus interesses históricos [...] em benefício do trunfo militar da burguesia*”³⁷. Nesse sentido, retoma a fórmula defendida por Lenin diante da Primeira Guerra Mundial, que dizia ser “a derrota o mal menor”. Entretanto, ao contrário do que se poderia atribuir a essa afirmação, não se tratava meramente de defender a derrota do próprio Estado nacional no conflito, mas sim de adotar a concepção expressa por Karl Liebknecht de que “*o principal inimigo do povo está dentro do seu próprio país*”³⁸. É dessa concepção, portanto, que adviria a principal linha defendida pelos trotskistas no momento do conflito: a defesa da transformação da guerra imperialista em guerra civil revolucionária.

A concepção é afirmada novamente em *O programa de transição*, que estabelece de forma similar a relação entre o entendimento da guerra enquanto um conflito imperialista e a adoção do derrotismo:

A burguesia imperialista domina o mundo. É por isso que a próxima guerra, no que tem de fundamental, será uma guerra imperialista. O conteúdo decisivo da política do proletariado internacional será, conseqüentemente, a luta contra o imperialismo e sua guerra. O princípio básico desta luta será “o inimigo principal está em nosso próprio país” ou “a derrota de nosso próprio governo (imperialista) é o mal menor”³⁹.

Percebe-se que, afirmando isso, o texto assume claramente que a derrota do próprio Estado é um mal menor no caso dos países imperialistas, explicitando logo na sequência que “*a derrota de todo governo imperialista na luta contra um Estado operário ou um país colonial é o mal menor*”⁴⁰.

Por sua vez, no “Manifesto de alarme” da IV Internacional, Trotsky finaliza o documento expressando o chamado à transformação da guerra imperialista em guerra civil revolucionária. Afirmando tratar-se de um embate entre os capitalistas das principais potências mundiais, o texto diz categoricamente: “esta não é nossa guerra!”. Indo além e explicitando a adoção da perspectiva derrotista, assume que “*a Quarta Internacional não constrói sua política em função das vicissitudes militares dos Estados capitalistas se não da*

³⁷ TROTSKY, Leon. *Op. Cit.*, [1934], p. 157.

³⁸ Idem, p. 157.

³⁹ Idem, [1938], [s.p.].

⁴⁰ Idem.

*transformação da guerra imperialista em uma guerra dos operários contra os capitalistas, da derrocada da classe dominante em todos os países, da revolução socialista mundial*⁴¹. Nesse sentido, haveria de se explicar aos trabalhadores que seus interesses eram irreconciliáveis em relação aos do capitalismo, mobilizando-os por cima das fronteiras nacionais para o enfrentamento ao imperialismo.

Dessa forma, os textos da IV Internacional redigidos por Leon Trotsky defendiam a manutenção da perspectiva revolucionária para o período da guerra mundial. Entretanto, de que forma e a partir de qual medida concreta buscariam realizar tal perspectiva naquele contexto? É nesse sentido que se insere a proposta da Política Militar Proletária (PMP). Apesar de ser um aspecto importante dos textos de Trotsky e da IV Internacional no momento da Segunda Guerra Mundial, ressalte-se, de acordo com Maycon Almeida, que a sua adoção não foi consensual entre as seções nacionais da IV Internacional. Apenas o SWP, seção estadunidense, buscou a implementação integral da política e, ainda assim, não sem que isso provocasse polêmicas internas⁴², sendo que diversas outras seções nacionais entendiam que a proposição da PMP consistia no abandono do internacionalismo e na capitulação de Trotsky ao social-patriotismo⁴³. Alguns dos opositores buscaram, inclusive, contrapor a proposição da PMP à política defendida por Lenin durante a Primeira Guerra, o que, de acordo com Sam Levy, não levava em consideração as especificidades de cada período histórico, uma vez que às vésperas da Segunda Guerra os revolucionários entendiam que a possibilidade de revoluções estava colocada na ordem do dia⁴⁴. Cabe aqui ressaltar, portanto, que, no que se refere à PMP, a análise que desenvolvo a seguir diz respeito especificamente às posições assumidas por Leon Trotsky e pelo SWP (EUA), não sendo tal política corroborada pela IV Internacional como um todo.

Nesse sentido, em 1938, no programa de fundação da IV Internacional, ao elencarem-se medidas concretas a serem tomadas na luta contra o imperialismo e a guerra, o documento apresentou de forma relativamente consistente alguns pontos presentes na PMP. Por exemplo, o texto defende a instrução e armamento dos operários e camponeses, sob seu próprio controle; criação de escolas militares para formação de oficiais vindos dos trabalhadores; substituição do exército permanente por milícias populares, em união com as

⁴¹ Idem, [1940], 307.

⁴² Conforme afirma Maycon Almeida, a própria discussão envolvendo a PMP foi o centro de importantes cisões que atingiram o partido estadunidense (ALMEIDA, Maycon Bezerra de. Política Militar Proletária: Trotsky diante da Segunda Guerra Mundial. *Anais do IV Colóquio Internacional Marx-Engels*, [s.p.]. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT1/gt1m4c6.pdf> [consulta em 04/06/2018]).

⁴³ Idem.

⁴⁴ LEVY, Sam. The Proletarian Military Policy revisited. *Revolutionary History*, vol. 1, nº 3, outono (no hemisfério Norte) de 1988, [s.p.].

fábricas, minas e fazendas. Além disso, apresenta a defesa da abolição da diplomacia secreta entre os Estados nacionais⁴⁵.

Já o texto escrito em 1940 apresenta tal política em sua forma mais acabada, ao defender que os trabalhadores aprendessem a técnica militar. Nesse sentido, Trotsky afirmava:

A militarização das massas se intensifica dia a dia. Rechaçamos a grotesca pretensão de evitar esta militarização com os protestos pacifistas. Na próxima etapa todos os grandes problemas se decidirão com as armas em mãos. Os operários não devem ter medo das armas; pelo contrário, têm que aprender a usá-las [...].

Não queremos permitir à burguesia que leve os soldados sem treinamento para morrer no campo de batalha. Exigimos que o Estado ofereça imediatamente aos operários e aos desempregados a possibilidade de aprender a manejar o rifle, a granada de mão, o fuzil, o canhão, o avião, o submarino e os demais instrumentos de guerra. Fazem falta escolas militares especiais intimamente relacionadas com os sindicatos para que os operários possam transformar-se em especialistas qualificados na arte militar, capazes de ocupar postos de comandante.⁴⁶

O que se percebe em relação tanto ao derrotismo, expresso na concepção de que o inimigo a ser combatido estava “dentro de casa”, ou seja, era a própria burguesia nacional, quanto à PMP, entendida como a defesa do armamento e treinamento militar para os trabalhadores, sob seu próprio controle, é, portanto, o afastamento de qualquer entendimento pacifista acerca da luta contra a guerra. Ao contrário, na medida em que se opunham à guerra devido ao seu caráter imperialista, defendendo a sua transformação em guerra civil revolucionária dos trabalhadores contra a sua própria burguesia, os trotskistas (ou ao menos a parte deles que aderiu à PMP) defendiam o armamento dos trabalhadores para tal tarefa. Segundo Sam Levy, a demanda por treinamento militar compulsório expressa na PMP era nada mais que a aplicação do programa de transição ao contexto de guerra e militarização generalizada da sociedade⁴⁷. Dessa forma, seu objetivo seria também o diálogo com os trabalhadores recrutados para o serviço militar, buscando alcançar seu estágio de consciência e elevá-lo à consciência de classe revolucionária. Indo no mesmo sentido, Maycon Almeida defende ser impossível dissociar a PMP do pensamento de Trotsky em caráter mais amplo, afirmando, assim, que tal proposta guardava íntima relação com a tarefa de construção da IV Internacional e superação da crise de direção⁴⁸.

⁴⁵ TROTSKY, Leon. *Op. Cit.*, [1938].

⁴⁶ Idem, [1940], p. 307.

⁴⁷ LEVY, Sam. *Op. Cit.*, 1988, [s.p.].

⁴⁸ ALMEIDA, Maycon. *Op. Cit.*, [s.d.].

Considerações finais

A partir do que foi discutido acerca dos documentos redigidos por Trotsky e assinados pela IV Internacional, julgo ser possível estabelecer alguns comentários finais no que se refere às relações entre o movimento trotskista e a Segunda Guerra Mundial.

Em primeiro lugar, destaca-se a importância do prognóstico nos textos em questão. No mesmo sentido afirmado por Jean-Jacques Marie, entendo aqui o prognóstico não como uma previsão exata ou uma espécie de profecia, mas sim como a identificação de tendências do desenvolvimento da luta de classes e da correlação de forças, identificando o sentido do processo histórico e fornecendo meios para a ação, para intervir nesse processo⁴⁹. Dessa forma, conforme Gabriela Liszt, os prognósticos de Trotsky possuem um grande valor para a compreensão da guerra na medida em que ultrapassam uma análise mais imediata e superficial dos fenômenos.⁵⁰ Tal contribuição se expressou na caracterização do conflito enquanto um embate entre diferentes imperialismos, opondo-se a noção de uma “guerra de ideologias” entre “democracia” e “fascismo”.

Considerando tanto o referido método de análise da realidade quanto a política defendida pela IV Internacional, é possível afirmar um segundo aspecto fundamental presente nos textos de Leon Trotsky sobre a Segunda Guerra: a continuação do marxismo revolucionário. Novamente segundo a autora Gabriela Liszt, o fio de continuidade entre Trotsky e a IV Internacional, por um lado, e Marx, Engels e Lenin, por outro, está, em primeiro lugar, na referida análise da guerra não a partir dos seus eventos isolados, mas sim do desenvolvimento das forças fundamentais que atuam no processo. Nesse sentido, considera-se a guerra como a continuação da política por meios violentos, sendo indispensável, assim, a caracterização em termos de classe dos Estados em conflito e dos seus interesses. Da mesma forma, a política dos revolucionários durante a guerra, portanto, deveria ser a continuação da política dos tempos de paz, ou seja, deveria se pautar pela luta de classes e pela perspectiva da tomada revolucionária do poder. Para o desenvolvimento dessa política, haveria de se considerar ainda que a conjuntura de guerra propiciava o momento para a eclosão de movimentos revolucionários⁵¹.

Com isso, os três documentos analisados expressam a mobilização do marxismo enquanto um instrumento para a compreensão e transformação da realidade por parte de Trotsky. Além da análise e caracterização da conjuntura da guerra, o revolucionário bolchevique, em conjunto com seus correligionários, buscou estabelecer o desenvolvimento de uma política classista e que contribuísse para fazer avançar as forças da revolução. Nesse sentido, a construção da IV Internacional, definida pelo próprio Trotsky como sendo a maior obra de sua vida,

⁴⁹ MARIE, Jean-Jacques. *Op. Cit.*, 1981, p. 18.

⁵⁰ LISZT, Gabriela. *Op. Cit.*, 2004, p. 36-38.

⁵¹ Idem, p. 41-44.

bem como a aplicação do derrotismo revolucionário e a proposta da Política Militar Proletária foram pontos importantes nesse processo de continuidade em relação ao marxismo.

Por fim, reproduzo um trecho de Daniel Bensaïd no qual o autor afirma que:

O combate pela IV Internacional constitui a ligação entre dois períodos históricos e entre duas gerações militantes. É indissociável de um julgamento político sobre a guerra anunciada. Experiência extrema, a guerra é, na verdade, a prova de verdade por excelência; um revelador impiedoso das políticas, das organizações, dos caracteres, uma linha de separação de águas.⁵²

Tal parágrafo indica a importância da temática relativa ao movimento trotskista no contexto da Segunda Guerra, assim como a ligação íntima existente entre os processos em questão. Foi essa “experiência extrema” e “divisora de águas” que marcou o contexto de surgimento da nova Internacional proletária, sendo os debates travados no interior da organização uma expressão dessa marca. Assim, mais do que um simples pano de fundo para o processo histórico de formação da IV Internacional, a Segunda Guerra Mundial está intrinsecamente presente neste processo: em alguma medida influenciou sua origem; conformou as possibilidades e limites históricos da nova organização; interferiu nos rumos de sua trajetória; e impôs dificuldades teóricas e práticas para seus militantes. Constituiu, portanto, “a prova de verdade” para a IV Internacional, que, conforme busquei demonstrar, respondeu a tais desafios mantendo viva a tradição marxista revolucionária.

Artigo recebido em 31.8.2018

Aprovado em 14.10.2018

⁵² Bensaïd, Daniel. *Trotskyismos*. Lisboa: Edições Combate, 2008, p. 52.